



## **Sem investimentos, recessão está longe de ser só 'técnica'**

***Síntese:** A maior ameaça à retomada do crescimento econômico está na fraqueza exibida pelos investimentos produtivos. Desde o início da crise, em setembro do ano passado, houve dois fortes recuos trimestrais, que resultaram numa retração acumulada de 23% na produção de máquinas, equipamentos e instalações. Sem chão, as indústrias refutam voltar a investir e não contratam mão-de-obra: desde o início da recessão, o saldo é de quase 500 mil demissões. Neste momento, a economia brasileira depende do tênue comportamento do consumo das famílias e do governo, ambos com claras limitações. O PAC esteve longe de servir de contraponto à crise: no seu baixo ritmo de execução, consumiria 16 anos para saltar do papel para a realidade.*

A economia brasileira caminha hoje sobre nuvens. Há quem veja nisso sinais de decolagem, mas não menos apropriado é constatar que lhe falta chão. Prognósticos mais precisos inexistem. O que se recomenda é evitar comprar pelo valor de face a euforia que o discurso oficial vem tentando difundir após conhecidos os números mais relevantes da nossa economia neste início de ano. É pura nuvem de fumaça.

Pelos resultados gerais, a recessão aparentou ser mais branda do que se imaginava. O conjunto da obra esconde, porém, o desarranjo das partes. E aqui a situação mais preocupante é a dos investimentos produtivos: são os primeiros a mergulhar e os últimos a voltar a ver a luz do sol. Desde o início da crise, em setembro do ano passado, houve dois fortes recuos trimestrais, que resultaram numa retração acumulada de 23% em seis meses.

A formação bruta de capital fixo (que em economês significa dinheiro investido em máquinas, equipamentos e instalações) foi o motor que impulsionou o crescimento econômico no ano passado: à época da eclosão da crise, a FBCF exibiu alta de 17% acumulada ao longo dos 12 meses anteriores. No primeiro trimestre deste ano, o indicador caiu a um terço disso. Rodando agora em marcha a ré, os investimentos tornam a retomada da economia ainda mais difícil.

### **Falta força para reagir**

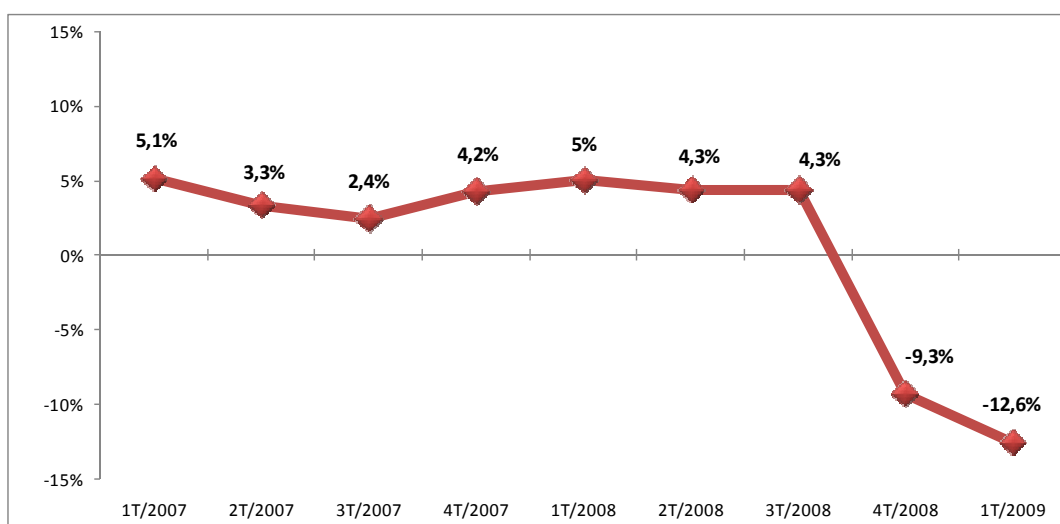
O ânimo dos empresários para voltar a pôr dinheiro em seus negócios parece bastante combalido. Sondagem recente feita pela Fundação Getúlio Vargas junto a 820 indústrias de transformação espalhadas por 24 estados brasileiros mostra que 26% delas não têm nenhum programa de investimentos em marcha no momento. É o mais alto percentual de desalento desde 2003. Além disso, a pesquisa constatou que, em um ano, dobrou o número de indústrias que têm dificuldade para investir: nove em cada dez afirmam estar nesta situação.

Consequência disto é que a geração de empregos é ainda mais penosa. Setor mais dinâmico da economia, e cujo desempenho está intimamente ligado ao da evolução dos investimentos, a indústria continua sem colaborar com a criação

de novas vagas no mercado de trabalho. Nos últimos dois meses não sai do lugar: ao total de admissões corresponde um quase exato número de demissões. Com isso, o setor industrial lidera o ranking de dispensas neste ano até maio, com 146 mil vagas ceifadas em todo o país. Ao longo da crise, já são quase 500 mil empregos a menos.

Os empresários investem menos também porque estão tendo dificuldade em exportar. O real mantém-se como a moeda que mais se valorizou no mundo neste ano – algo em torno de 15%. Isso significa que o produto vendido pelos exportadores brasileiros ficou mais caro, ao mesmo tempo em que os artigos trazidos do exterior caíram de preço.

### **Evolução dos investimentos\* (sobre trimestre anterior)**



Fonte: IBGE – Contas Nacionais. \*Formação Bruta de Capital Fixo.

Com tudo isso somado, a economia brasileira vive novos e instáveis tempos. O PIB do primeiro trimestre inaugurou uma fase inédita, de desempenho dependente do consumo. Para um país ainda carente de investimento e de modernização produtiva, o risco é muito elevado. Nosso sucesso vindouro estará sujeito a gastos mais altos das famílias e do governo, ambos com claras limitações: os primeiros pela renda que tende a se retrair com o avançar da crise e os segundos pela queda de arrecadação e pelo descontrole fiscal que já se manifestam. Consumo, sozinho, é insuficiente para sustentar crescimento.

### **PAC falha no seu teste de fogo**

Estímulos mais consistentes, como o aumento do investimento público, são miragem. Em seu primeiro teste de verdade, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) comprovou-se o fiasco que sempre se soube ser. Apresentado pelo governo Lula como “uma nova forma de fazer política” quando lançado, em janeiro de 2007, tinha como objetivos estimular os investimentos privados e aumentar as inversões públicas em infraestrutura. Pelo que se viu até agora, sobrou pretensão e faltou eficiência.

O PAC está longe de conseguir atingir as metas a que se propôs e esteve ainda mais distante de servir de contrapeso à crise econômica. Segundo balanço oficial apresentado neste mês, 15% das obras previstas foram concluídas até agora. Para um programa que existe no papel há 29 meses, mas cuja maioria

dos empreendimentos já estavam planejados há muito mais tempo, já seria um desempenho para lá de sofrível. Significa dizer que, na velocidade atual, as obras listadas no PAC precisariam de 16 anos para se materializar.

Ainda assim, para chegar a tal percentual o governo teve de lançar mão de muito contorcionismo. Simplesmente riscou 8.468 obras do mapa do seu balanço: projetos de habitação e saneamento orçados em R\$ 224 bilhões. Computadas as obras que a "contabilidade criativa" governista limou, o percentual de investimentos já concluídos cai para irrisórios 3%. Depois de decorridos dois anos e meio, três de cada quatro empreendimentos do PAC continuam no papel.

### **Hora de estimular a produção**

Depois de ter, ao longo dos primeiros meses da crise, operado um balcão de atendimento a lobbies e pressões oriundos de diversos setores econômicos, o governo Lula parece finalmente alertado para a necessidade de criar mecanismos mais abrangentes de estímulo ao investimento. O alvo é o incentivo à produção de novas máquinas e equipamentos. Resta ver de onde virá tal oxigênio, já que o fôlego fiscal evaporou: os gastos da máquina pública mantêm-se em franca ascensão e as receitas tributárias não param de cair.

A recessão em que estamos mergulhados não tem nada de meramente técnico. É real e, a depender dos rumos tomados, pode perdurar muito mais do que o necessário. Até aqui o governo agiu de maneira lenta – leia-se na redução dos juros – e localizada – com a redução pontual de alguns tributos. Ainda falta traçar políticas de longo alcance para, quem sabe, evitar o pior. Até agora, por mais que o discurso oficial se esforce, é difícil encontrar quem creia que o foguete da retomada decolou.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.  
Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

---

#### **INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA**

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: [itv@itv.org.br](mailto:itv@itv.org.br) . site: [www.itv.org.br](http://www.itv.org.br)